

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Especialização em
Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais

Vânia Maria Lopes de Abreu

PORTFÓLIO:
IMAGENS, MEMÓRIAS E REFLEXÃO PEDAGÓGICA
Um relato de experiência em Artes Visuais a partir do
Ensino Fundamental

Rio de Janeiro
2021



Vânia Maria Lopes de Abreu

PORTFÓLIO:
IMAGENS, MEMÓRIAS E REFLEXÃO PEDAGÓGICA
Um relato de experiência em Artes Visuais a partir do Ensino Fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de relato de experiência apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Orientador(a) Professor(a) Ma. Maria Lia Gauterio Conde Pinto.

Rio de Janeiro
2021

COLÉGIO PEDRO II
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA
BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER
CATALOGAÇÃO NA FONTE

A162 Abreu, Vânia Maria Lopes de
Portfólio: imagens, memórias e reflexão pedagógica: um relato de
experiência em Artes Visuais a partir do Ensino Fundamental / Vânia
Maria Lopes de Abreu. - Rio de Janeiro, 2021.

20 f.

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de artigo (Especiali-
zação em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais) – Colégio
Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Maria Lia Gauterio Conde Pinto.

1. Artes visuais – Estudo e ensino. 2. Memória. 3. Portfólio. I.
Pinto, Maria Lia Gauterio Conde. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 707

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Simone Alves – CRB7 5692.

Vânia Maria Lopes de Abreu

PORTFÓLIO:
IMAGENS, MEMÓRIAS E REFLEXÃO PEDAGÓGICA
Um relato de experiência em Artes Visuais a partir do Ensino Fundamental

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de relato de experiência apresentado ao Programa de Especialização em Saberes e Fazeres no Ensino de Artes Visuais, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Orientadora: Prof^ª. Ma. Maria Lia Gauterio Conde Pinto
SFEAV/DAV – Colégio Pedro II

Membro interno: Prof^ª. Ma. Viviane Viana de Souza
SFEAV/DAV – Colégio Pedro II

Membro externo: Prof^ª. Ma. Valquíria Cordeiro Fernandes
DAV – Colégio Pedro II

Rio de Janeiro

2021

PORTFÓLIO: IMAGENS, MEMÓRIAS E REFLEXÃO PEDAGÓGICA

Um relato de experiência em Artes Visuais a partir do Ensino Fundamental

Vânia Maria Lopes de Abreu

Resumo: O presente trabalho de conclusão de curso foi realizado como um dos requisitos para obtenção de título de especialista e tem como objetivo relatar a experiência da criação de um portfólio, enquanto registro de imagens e memórias de ações educativas, a partir das aulas de Artes Visuais em uma escola municipal de Ensino Fundamental localizada na cidade do Rio de Janeiro/RJ no ano letivo de 2018. Além disso, o texto tenciona apontar como esta prática de registro contribui para o desenvolvimento e fortalecimento do exercício docente. A pesquisa se organizou em três partes: a primeira explicita um conjunto de questões pertinentes ao campo reflexivo do cotidiano escolar; a segunda analisa a questão da importância da documentação pedagógica e da memória para o ensino de Artes Visuais; já a terceira parte explana o próprio portfólio — objeto deste relato em si. Para tanto, foram eleitas como principais bases teóricas as obras de: Iavelberg (2003), Arslan (2006), Marques e Almeida (2011) e Alarcão (2011).

Palavras-chave: portfólio, memória, Artes Visuais.

PORTFÓLIO:

IMAGES, MEMORIES AND PEDAGOGICAL REFLECTION

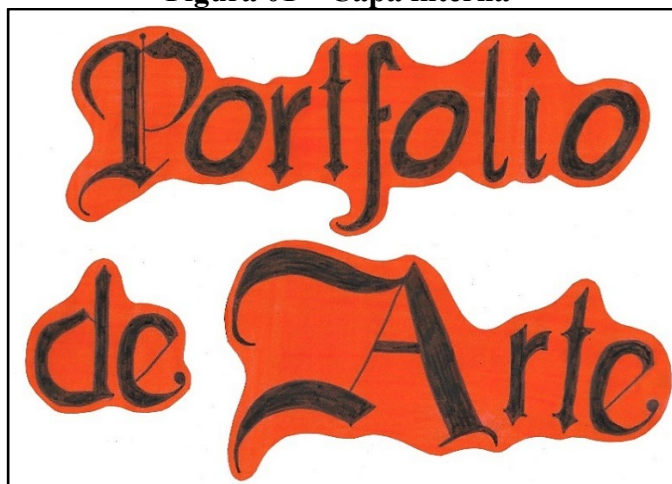
An experience report in Visual Arts from Elementary School

Abstract: This article was carried out as one of the requirements for obtaining a specialization title and aims to report the experience of creating a portfolio, as a record of images and memory of educational actions, from the Visual Arts classes of the 2018 school year, of a municipal Elementary school in the city of Rio de Janeiro/RJ. It also points out how this practice of registration contributes to the development and professional growth of teachers. The research was organized into three parts: the first explains a set of issues relevant to the reflective school daily; the second analyzes the issue of the importance of pedagogical documentation and memory in teaching Visual Arts and the third part explains the portfolio - object of this report itself. For this, the works of: Iavelberg (2003), Arslan (2006), Marques e Almeida (2011) and Alarcão (2011) were used as the main theoretical bases.

Keywords: portfolio, memory, Visual Arts.

1 INTRODUÇÃO

Figura 01 – Capa interna



Fonte: Página 01 do Portfólio

O presente trabalho se configura como um relato de experiência em arte-educação. O texto narra, a partir de um portfólio, processos e práticas educativas experienciados em uma escola municipal, localizada na comunidade da Vila Cruzeiro, no Complexo da Penha, cidade do Rio de Janeiro. No ano de 2018, os exercícios produzidos por estudantes dos anos iniciais e finais do Ensino Fundamental ao longo dos encontros promovidos nas aulas de Artes Visuais foram organizados em uma composição de registros e, agora, serão desdobrados como documentação pedagógica reflexiva.

Este estudo se faz relevante pela importância de se pensar sobre a valorização da documentação pedagógica na prática docente. Aponta também para a compreensão de que o ato de registrar cotidianamente os processos de ensino-aprendizagem não é meramente uma ação burocrática, mas uma atividade que pode auxiliar no planejamento e replanejamento de todas as ações pedagógicas — e na própria reflexão sobre a práxis docente.

Nosso objetivo será relatar a experiência da criação de um portfólio enquanto registro de imagens e de memória de ações educativas elaboradas e vividas a partir de um conjunto de aulas de Artes Visuais. Tais aulas foram ministradas para estudantes entre sete e treze anos, das 2ª, 3ª, 4ª e 6ª séries do Ensino Fundamental e, além destas, de uma turma de classe especial, em uma escola brasileira.

Ainda se faz importante, por meio desta reflexão, apontar caminhos para sublinhar a contribuição que o hábito do registro no âmbito escolar faz reverberar no desenvolvimento e amadurecimento da formação e atualização da própria atividade docente.

A metodologia proposta para estruturação deste estudo foi construída por três etapas: levantamento bibliográfico, revisão da documentação já produzida e reflexão acerca de articulações advindas das percepções forjadas a partir destas inter-relações. Neste sentido, abordamos no primeiro momento certas compreensões a respeito do cotidiano escolar e do caráter prático da disciplina Artes Visuais. Na segunda etapa, foi apresentada a importância da documentação pedagógica e defendida a formação de memória no ensino de Artes Visuais. Já na última parte, fez-se a descrição do portfólio, objeto deste estudo, e o relato do processo de sua criação (acrescentando ainda a elaboração de uma análise dos conteúdos e da atividade docente nele descrita). O estudo foi construído em diálogo com Iavelberg (2003), Arslan (2006), Marques e Almeida (2011) e Alarcão (2011).

2 ARTES VISUAIS E COTIDIANO ESCOLAR

Figura 02 – Foto da sala ambiente



Fonte: Página 07 do Portfólio¹

As artes visuais no mundo (e, portanto, também a disciplina Artes Visuais no interior das escolas de Educação Básica) se configuram como um campo de conhecimento e de performatividade que combinam a um só tempo um repertório de artefatos, manifestações e processos teórico-práticos.

As artes são aqui compreendidas como potentes e potenciais forças motrizes de autocriação humana e de construção de modos de estar nos tempos e espaços, além de alternativas imaginadas para transformações sociais. As atividades, as relações com as artes visuais e, ainda, com a cultura visual configuram importantes caminhos de fortalecimento cognitivo, descoberta e formulação de histórias, repertórios e autoconstituição humana no âmbito do cotidiano escolar na atualidade. Em linhas bem gerais, observados alguns percursos traçados pelos estudantes na interação com Artes Visuais — permeados por diversas faces e abordagens (suas narrativas, experimentações de meios artísticos e linguagens, desdobramentos crítico-conceituais etc.) —, frisa-se com este estudo a dimensão da materialidade dos registros. Os frutos físicos dos processos de ensino-aprendizagem podem compor um arsenal para pesquisa e memória do vivido, que, atualizados, emanam percepções inaugurais no presente amadurecido, a lançar luzes mais complexas sobre um futuro que se pretende sempre melhor e realizador de uma educação mais justa.

O cotidiano escolar se estabelece não só através do planejamento do currículo instituído, mas, sobretudo, evidencia a combinação de todas as aparições dos sujeitos envolvidos: suas ações, suas concepções e suas transgressões. A composição dos dias se realiza pela presença de todos os corpos, de seus desejos e de suas participações — esta é a riqueza das escolas! —, ecoando a cada momento improvisos e inventividades. Neste sentido, recuperar lembranças e se debruçar sobre elas com algum distanciamento das experiências já vividas realça a possibilidade de analisá-las sob outros aspectos, e reorganizá-las como experiências pensadas.

Em minhas aulas, procuro refletir sobre algumas das ideias pensadas por uma das maiores referências da arte-educação de nosso país: a professora e pesquisadora Ana Mae

¹ Na página 06 do Portfólio segue o seguinte texto sobre a sala ambiente: “Com uma sala vazia no turno da manhã, tivemos o privilégio de organizá-la de forma mais adequada para realização das atividades artísticas. Pudemos juntar os alunos em pequenos grupos nos quais eles podiam trocar ideias e experiências, aprender a dividir o material e dirimir seus conflitos. Percebo que só a mudança no ambiente já traz um frescor e um novo interesse para a aula que se segue! (Essa sala foi usada pelo 3º ano)”. Notamos com esta experiência o caráter gregário desses ambientes e encontros, em que os alunos aprendem a conviver em coletividade e atenuar impasses.

Barbosa, que propôs como caminho a *Abordagem Triangular* (leitura de imagens, contextualização histórico-conceitual e experimentação artística)². Assim, procuro pautar minha prática pedagógica a partir desta lógica. Considero de grande importância a utilização das imagens no ensino de Artes Visuais; esta etapa é atravessada, entretanto, por limitações técnicas e/ou tecnológicas da escola na qual leciono. Quando preciso utilizar imagens, faço-o através de reproduções em papel, geralmente em tamanho A4, colocadas no quadro. Desta forma, peço aos alunos que se aproximem para observá-las, realizando uma espécie de mostra na própria sala de aula. É uma apresentação bem simples, mas funciona num contexto com recursos distantes dos ideais e tendo em conta o difícil acesso a exposições relatado pelos estudantes.

Para além do trabalho em sala de aula, é comum que professores de Artes Visuais apresentem para a comunidade escolar os exercícios, trabalhos e projetos de seus alunos, seja em murais, seja em feiras ou exposições ao longo do ano letivo. Este coletivo de referências dos percursos ensaiados, quando expostos, visam repercutir novas experiências estéticas. É notável considerar que tais exposições são capazes de nutrir não só toda uma atmosfera imagética, como também evidenciar certos aspectos relativos à própria autoestima dos estudantes.

Além disso, em 2017 foi aprovada no Brasil a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), documento normativo que orienta a educação no país. Um dos pontos descritos no texto versa sobre a questão da prática no ensino das Linguagens, área que integra o componente curricular Arte (e, portanto, Artes Visuais), na qual sublinha-se a importância do compartilhamento e da exposição do produto resultante desses exercícios. As orientações da BNCC são para que:

A aprendizagem de Arte precisa alcançar a experiência e a vivência artísticas como prática social, permitindo que os alunos sejam protagonistas e criadores. A prática artística possibilita o compartilhamento de saberes e de produções entre os alunos por meio de exposições, saraus, espetáculos, performances, concertos, recitais, intervenções e outras apresentações e eventos artísticos e culturais, na escola ou em outros locais. Os processos de criação precisam ser compreendidos como tão relevantes quanto os eventuais produtos. Além disso, o compartilhamento das ações artísticas produzidas pelos alunos, em diálogo com seus professores, pode acontecer não apenas em eventos específicos, mas ao longo do ano, sendo parte de um trabalho em processo. A prática investigativa constitui o modo de produção e organização dos conhecimentos em Arte. É no percurso do fazer artístico que os alunos criam, experimentam, desenvolvem e percebem uma poética pessoal. (BRASIL, 2018, p.191).

No processo de criação e experimentação artísticas em sala de aula, deparamo-nos com alguns entraves, dentre os quais destaco a falta de material e de espaço físico adequado para as aulas de Artes Visuais — fato que ocorre na grande maioria das escolas públicas de nosso país. Ora, como criar, experimentar materiais diversos, desenvolver e perceber essa poética pessoal num contexto de escassez de material artístico? A criatividade do docente é a resposta para o problema da falta de recursos da escola pública?

O fato de não raramente o material disponibilizado para a realização dos exercícios ser bastante escasso (gerando uma oferta pouco diversificada para os alunos) aponta para a

² “Ana Mae Barbosa, no final da década de 80, (...), sistematizou, (...) um posicionamento teórico-metodológico, conhecido como Metodologia Triangular, Proposta Triangular, ou ainda Abordagem Triangular. (...) A Abordagem Triangular se referiu à melhoria do ensino de arte, tendo por base um trabalho pedagógico integrador, em que o fazer artístico, a análise ou leitura de imagens (compreendendo o campo de sentido da arte) e a contextualização interagem para o desenvolvimento crítico, reflexivo e dialógico do estudante em uma dinâmica contextual sociocultural” (SILVA E LAMPERT, 2017, p.89-90).

alternativa de exploração de todo tipo de processo e de materiais menos convencionais. Soma-se a isso, em muitas ocasiões, outra situação comum: a ausência de eco, nos corredores dos colégios, de toda a dinâmica de planejamento e execução de exposições, seja dos trabalhos propriamente ditos, seja de suas ressonâncias — indicando, inclusive, que tais ações são por vezes pouco valorizadas.

Dois são os aspectos relacionados aqui: a precarização da educação pública no que tange aos recursos físicos e, ademais, uma desconfiança de que, mesmo com a possível mobilização de meios alternativos, há uma fragilidade no entendimento da importância da disciplina no interior de algumas escolas. Deste modo, o que vivencio é que, mesmo quando se produz e se desenvolve uma série de investigações com os alunos, a construção de formatos de apresentação dos trabalhos é recebida sem muito entusiasmo. Por que, apesar de ser parte intrínseca de todo um arsenal do campo de Artes Visuais, a mostragem das trajetórias de ensino-aprendizagem (e, portanto, o fluxo do próprio cotidiano) encontra, por vezes, barreiras no interior de algumas instituições? É possível pensar que existe algum incômodo nesta modalidade de comunicação e feitura da escola? Seria por incompreensão ou, antes, por desconhecimento dos mecanismos e estratégias que podem ser lançados quando pensamos uma formação mais completa e complexa em nossa área de saberes e fazeres?

Portanto, torna-se ainda mais importante alguma forma de registro dessas atividades para as turmas e gerações futuras. Afinal, sabemos que as artes foram algumas das primeiras formas de expressão do ser humano. Há milhares de anos, os primeiros habitantes da Terra já se expressavam nas paredes das cavernas por meio das pinturas rupestres. Dito assim, poderíamos pensar que Artes Visuais seria considerada uma das disciplinas mais importantes, mas, infelizmente, não é o que geralmente parece acontecer. Apesar de vários estudos e livros apontarem para a importância do ensino das artes nas escolas e sua relação com as demais áreas do conhecimento, o que percebemos no cotidiano escolar é que existe um processo histórico de certa desvalorização da disciplina Artes Visuais em relação a outras — como, por exemplo, Língua Portuguesa e Matemática. Muitas vezes, a disciplina Artes Visuais é vista apenas como “passatempo”, de modo que não se percebe seu potencial no que concerne a contribuir para o desenvolvimento global dos alunos. De acordo com Rosa Iavelberg, professora e pesquisadora em artes e educação:

A arte promove o desenvolvimento de competências, habilidades e conhecimentos necessários a diversas áreas de estudos; entretanto, não é isso que justifica sua inserção no currículo escolar, mas seu valor intrínseco como construção humana, como patrimônio comum a ser apropriado por todos. A arte constitui uma forma ancestral de manifestação, e sua apreciação pode ser cultivada por intermédio de oportunidades educativas. Quem conhece arte amplia sua participação como cidadão, pois pode compartilhar de um modo de interação único no meio cultural. Privar o aluno em formação desse conhecimento é negar-lhe o que lhe é de direito. A participação na vida cultural depende da capacidade de desfrutar das criações artísticas e estéticas, cabendo à escola garantir a educação em arte para que seu estudo não fique reduzido apenas à experiência cotidiana. Aprender arte envolve a ação de distintos eixos de aprendizagem: fazer, apreciar e refletir sobre a produção social e histórica da arte, contextualizando os objetos artísticos e seus conteúdos. (IAVELBERG, 2003, p.9-10)

O trecho acima reforça o que tenho presenciado e compreendido também em minha prática docente. A partir destas reflexões, creio que as atividades práticas se ressignificaram, pois dentro da educação em geral, podemos dizer que a disciplina Artes Visuais se destaca como uma das que tem um grande teor prático. Sendo assim, os alicerces para uma aprendizagem significativa em artes perpassam tanto os saberes quanto os fazeres. Ambos possuem igual importância nos processos de ensino-aprendizagem em Artes Visuais. Mesmo com as diversas transformações nas tendências pedagógicas e com a disciplina tendo sido reconhecida como

uma área de conhecimento, a prática sempre esteve aliada à teoria no ensino de Artes Visuais. Segundo Luciana Arslan, professora e pesquisadora em Artes Visuais:

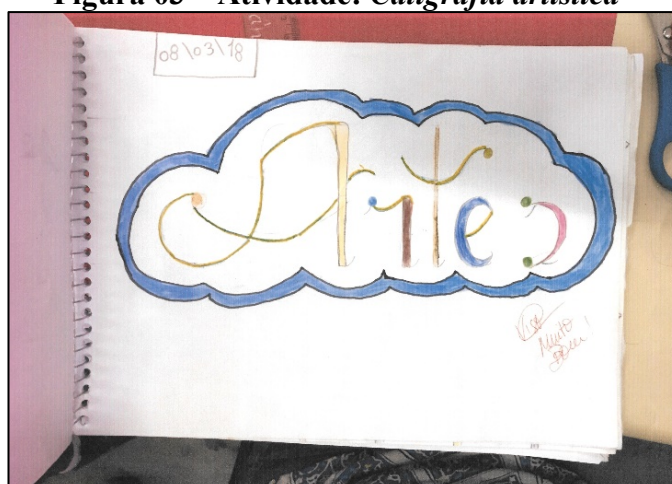
Os paradigmas contemporâneos do ensino da arte são fruto de conservações e mudanças, preservações e substituições, significações e ressignificações de questões estéticas e educacionais, como o papel da arte na escola e na sociedade, as relações entre conteúdo e método no ensino da arte e os modos de avaliação, os pressupostos do ensino e da aprendizagem, a visão da relação professor/aluno na articulação entre teoria e prática de ensino e aprendizagem em arte. (ARSLAN, 2006, p. 3).

Pensando assim, vemos que, a despeito de todas as dificuldades e seguindo o fluxo dos dias, alunos produzem todos os anos em suas escolas trabalhos diversificados e criativos em todas as disciplinas. Estes trabalhos, contudo, não precisam ficar limitados aos seus cadernos ou, ocasionalmente, às paredes de suas salas de aula. Exibir a produção feita é uma importante etapa da aprendizagem, além de completar o ato criador — concordando com as educadoras Ferraz e Fusari (2010, p.109-110).

Para retomar outro ponto, também é preciso lembrar que muitos alunos dizem que não cultivam o hábito ou costume de visitar exposições em galerias e museus. Desta forma, as apresentações na própria escola são boas opções, embora aparentemente simples, para que todos se relacionem com produções poéticas. Além do mais, é inegociável grifar a importância de se construir uma atmosfera artística em toda escola. Estas ambientações são imprescindíveis para formar todo um espaço vivo de interações possíveis com o imaginário e com a coletividade. As manifestações autorais dos estudantes ensejam sair das salas de aula para os murais das escolas e, quem sabe, até alcançar os muros das ruas. É uma vida permeada por artes que importa ao processo educacional! Assim, intensifica-se o convívio com imagens da cultura visual, obras de arte e também produções dos estudantes no cotidiano escolar o máximo possível, e não só nos poucos minutos das aulas de Artes Visuais.

3 DOCUMENTAÇÃO E MEMÓRIA NO ENSINO DE ARTES VISUAIS

Figura 03 – Atividade: Caligrafia artística



Fonte: Página 09 do Portfólio

Em um pequenino texto, intitulado *Escavando e Recordando*, Walter Benjamin, pensador alemão fundamental, escreveu que “a língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência...” (BENJAMIN, 2000, p.239). Para o autor, é preciso escavar

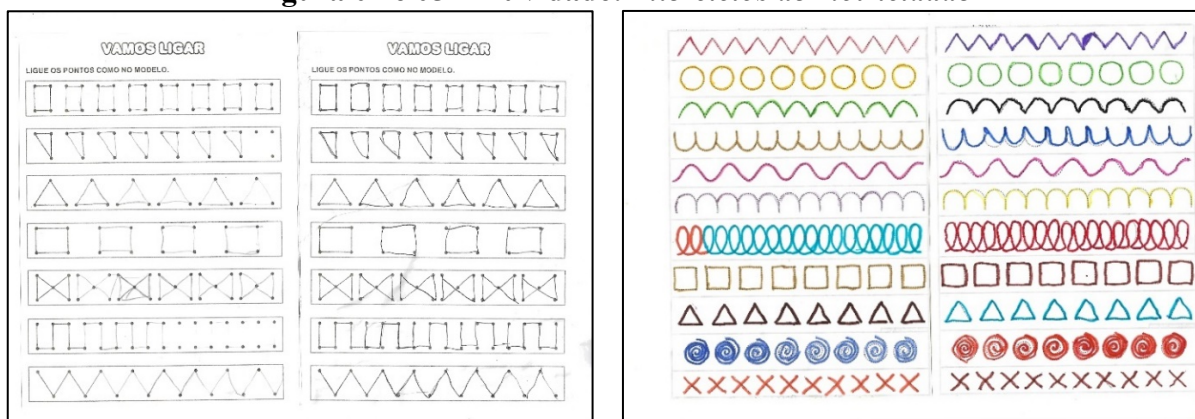
cuidadosamente os subterrâneos de cada solo para compreender não apenas as informações de suas camadas, mas seus atravessamentos contínuos. É possível pensar aqui um diálogo com certa ideia de coleção, porém não como algo estanque, que se dá apenas a ver (ou ouvir), mas como um conjunto de coisas disponíveis, para além das lembranças, a interpretações e a elaborações permanentes.

As lembranças fazem parte importante de nossa memória, de modo que a preservação desta nos ajuda a forjar alicerces para a vida. Para que resguardemos a memória, é preciso que ela seja conservada ou documentada de alguma forma. No contexto educacional, o conceito de documentação pedagógica difundiu-se a partir da década de 1990 por meio das experiências do pedagogo Loris Malaguzzi. Seu trabalho realizado nas escolas de Educação Infantil da cidade de Reggio Emilia, na Itália, que versava sobre a ideia de prática de documentação pedagógica, passou a ser considerado como elemento intrínseco ao cotidiano escolar, no sentido de permitir ao professor a observação da criança em seu processo de aprendizado. Tal processo se mostrou também como um auxiliar no planejamento das atividades escolares. Carolyn Edwards, entrevistadora de Malaguzzi, informa-nos que: “A documentação sistemática permite que cada professor se torne um produtor de pesquisas, isto é, alguém que gera novas ideias sobre o currículo e sobre a aprendizagem, em vez de ser meramente um ‘consumidor da certeza e da tradição.’” (EDWARDS, 2016, p. 156). Além da documentação pedagógica difundida pelo educador em questão, existem outros formatos de documentação, como os registros, os diários de aula, os portfólios etc. Acerca deste tema, Amanda Marques e Maria Isabel de Almeida, ambas professoras que atuam na formação de docentes, escrevem:

Existem, portanto, diferentes modalidades de documentação pedagógica que se relacionam e que podem contribuir para a construção de práticas cada vez mais intencionais e adequadas a objetivos e necessidades de crianças, educadores e pais; documentar as experiências significa apropriar-se analiticamente do fazer, abrir espaço ao diálogo e à reflexão junto aos pares, e produzir conhecimento.” (MARQUES E ALMEIDA, 2011, p. 419)

Sobre o registro desta documentação, vemos que importa ainda preparar o que deve ser registrado, ou seja, apesar de toda catalogação ser carregada de um olhar subjetivo, a documentação deve ser minimamente planejada segundo alguns critérios, com foco direcionado para: o que registrar? Para que registrar? E para quem registrar? Como já foi dito, uma das configurações possíveis destes registros é o portfólio.

Figura 04 e 05 – Atividade: *Exercícios de motricidade*



Fonte: Páginas 11 e 12 do Portfólio³

³ Atividades realizadas no intuito de auxiliar o desenvolvimento de coordenação motora fina dos alunos das séries iniciais, a pedido de algumas professoras regentes, e também para auxiliar no desenvolvimento do traçado para o desenho nas aulas de Artes Visuais.

O portfólio inventaria processos e propostas de atividades didáticas e pedagógicas vivenciadas pelo professor e pelos alunos, podendo conter ainda relatos e informações sobre mediações de conflitos e situações diversas vividas em sua prática diária de trabalho. Se for possível adicionar também as reflexões do professor e as impressões dos alunos, o documento fica ainda mais rico — apontando aspectos positivos, negativos e como foram ou não solucionados.

No caso de Artes Visuais, registrar imagens produzidas pelos alunos através de um portfólio, de uma exposição, de um mural, de uma feira etc., não é meramente um acúmulo de “trabalhinhos” ou fotografias. É uma forma de constituir um acervo imagético e sensorial que se traduz em memória histórico-afetiva e que, além disso, pode se transformar em novas possibilidades de ensino-aprendizagem para o futuro. A documentação se torna uma espécie de relatos de experiências, compilados como um catálogo ou arquivo não só do que aconteceu naquele local e naqueles momentos, mas também sobre aquelas vidas.

4 O PORTFÓLIO: VISUALIDADES, VISIBILIDADES E REGISTROS

O portfólio é uma forma de registro de trabalhos habitual no campo das artes visuais e passou a ser adotado também no meio educacional como um todo. Nesta pesquisa, encontramos várias possibilidades e nomenclaturas para o registro pedagógico e reflexivo, algumas delas analisadas pelas professoras Amanda Marques e Maria Isabel de Almeida:

As nomenclaturas empregadas – registro (FREIRE, 1996), diário de aula (ZABALZA, 1996, 2004), portfólio (SA-CHAVES), documentação (OLIVEIRA-FORMOSINHO e AZEVEDO, 2002) – indicam concepções e formas de organização diferentes, mas complementares. (...) Pontuadas as diferenças nas abordagens, todas parecem ter como argumento fundante a concepção de ensino como atividade profissional reflexiva. É a necessidade da reflexão (sobre o trabalho, sobre os educandos e sobre si) que justifica, em última instância, a produção dos registros, o que se relaciona à ideia de escrita como forma de organizar o pensamento. (ALMEIDA E MARQUES, 2011, p.176).

Estes registros podem ser feitos: durante os atos ou após as aulas; considerando os períodos do ano letivo (bimestres, trimestres, semestres etc.); para (e por) cada estudante de maneira individual ou em grupos; contendo todo tipo de documentação, como fotografias, vídeos, imagens, relatórios sonoros ou textuais e outras referências.

Também podem incluir o planejamento, o conteúdo dos trabalhos, a dinâmica do grupo, explicações sobre a aprendizagem, avaliações sobre o próprio ensinar, depoimentos de estudantes etc. Estas descrições não são predeterminadas, mas devem fazer sentido para aqueles que as realizam. Todavia, para que o processo de reflexão seja dialético, não basta registrar para si, ou seja, manter esse registro em segredo. É importante que esses apontamentos sejam compartilhados com os outros: os colegas docentes; a supervisão pedagógica; e, se e quando possível, com os próprios estudantes, coautores na construção e interessados máximos em sua formação — bem como com seus responsáveis.

Durante este estudo, optamos por utilizar o conceito de *portfólio reflexivo* utilizado por Isabel Alarcão, educadora portuguesa da área de Educação, como um dos métodos pedagógicos de registro do professor reflexivo, pois:

A noção de professor reflexivo baseia-se na consciência da capacidade de pensamento e reflexão que caracteriza o ser humano como criativo e não como mero reprodutor de ideias e práticas que lhe são exteriores. É central, nesta conceptualização, a noção do profissional como uma pessoa que, nas situações profissionais, tantas vezes

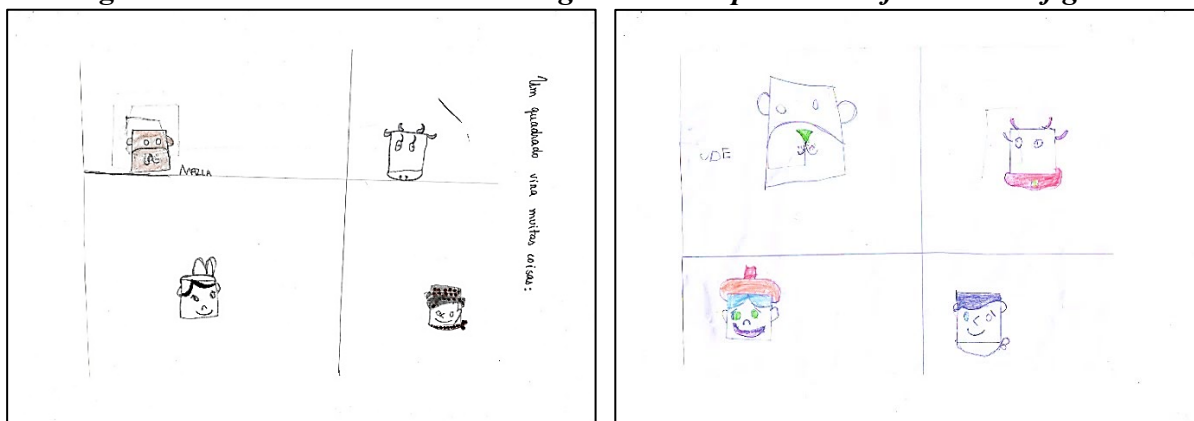
incertas e imprevistas, atua de forma inteligente e flexível, situada e reativa (ALARCÃO, 2011, p.440).

É preciso deixar claro que este professor reflexivo não age sozinho. Ele atua em uma escola também reflexiva, que deseja seguir uma metodologia que contribua para a mudança e que tenha caráter participativo e motivador.

A autora ressalta, ainda, que é preciso compreender como se pode ser mais reflexivo, apontando algumas estratégias para o desenvolvimento de tal capacidade a partir do diálogo com Idália Sá-Chaves, professora que idealizou o conceito de *portfólio reflexivo*:

- Promover o desenvolvimento reflexivo dos participantes, quer ao nível cognitivo, quer metacognitivo. (...)
- Fundamentar os processos de reflexão para, na, e sobre a ação, quer na dimensão pessoal, quer profissional.
- Garantir mecanismos de aprofundamento conceptual continuado, através do relacionamento em feedback entre membros das comunidades de aprendizagem.
- Estimular a originalidade e criatividade individuais no que se refere aos processos de intervenção educativa, aos processos de reflexão sobre ela e à sua explicitação, através de vários tipos de narrativa.
- Contribuir para a construção personalizada do conhecimento para, em e sobre a ação, reconhecendo-lhe a natureza dinâmica, flexível, estratégica e conceitual. (...)
- Facilitar os processos de auto e heteroavaliação, através da compreensão atempada de processos (2000, apud ALARCÃO 2011, p.61).

Figura 06 e 07 – Atividade: Formas geométricas que se transformam em figuras



Fonte: Páginas 21 e 22 do Portfólio

No final do ano letivo de 2018, a Diretora Geral da escola municipal em que eu atuava, localizada na comunidade da Vila Cruzeiro, no Complexo da Penha, no município do Rio de Janeiro, solicitou a todos os professores que fizessem um portfólio de suas turmas para ter um arquivo na escola. Naquele momento, a Direção considerava o portfólio como uma ferramenta importante para a Coordenação Pedagógica, já que poderia mostrar o trabalho realizado pelos docentes e também o desenvolvimento dos estudantes durante o ano. Além disso, o ato de revisitar periodicamente o portfólio pedagógico das turmas poderia auxiliar na reflexão da prática, redirecionando os planejamentos futuros.

No ano letivo mencionado, eu atuava em treze turmas naquela escola (ministrando um tempo de aula semanal para as turmas do 2º, 3º e 4º anos dos anos iniciais do Ensino Fundamental e para uma turma de classe especial para alunos com necessidades específicas, e dois tempos de aula semanal para turmas do 6º ano experimental, dos anos finais do Ensino

Fundamental). Cada turma tinha cerca de 25 a 30 alunos — compostas, em sua maioria, por moradores dos arredores da escola.

Foi pedido aos regentes de turmas que o portfólio contivesse avaliações e produções textuais mostrando o desempenho dos alunos ao longo do ano. Numa primeira ação, pesquisei a etimologia da palavra “portfólio” e verifiquei que tal conceito poderia ser definido basicamente como a “reunião dos trabalhos de um artista”.

Bem mais interessante do que discutir uma simples definição do termo, a experiência de fazer o portfólio e as possibilidades de construção de conhecimento que isto possibilitou me levam hoje a entender o que afirma Arslan (2013, p.110) quando diz que não existe regra para como se deve fazer o registro. O importante é que, após concluído, tal registro transforma a prática em reflexão materializada. À medida que o revisitamos após algum tempo, essa prática pode ser vista por outros prismas.

Figura 08 – Atividade: *Criatividade em ação*



Fonte: Página 39 do Portfólio⁴

4.1 - Seleção para o Portfólio: olhares curatoriais

Ao pensar na montagem e processo de construção do portfólio, surgiram-me mais questões, entre elas: como selecionar as produções? O que priorizar nesta seleção? Qual conteúdo abordar no portfólio? Qual a ordem da apresentação?

Como o portfólio foi realizado em retrospectiva, houve alguns desafios. Então, resolvi que apresentaria os trabalhos tanto das etapas das sequências didáticas realizadas (os exercícios feitos em sala), como também a finalização de projetos e suas exposições (como as fotos dos murais nos corredores, refeitório etc.) — optando por uma montagem em ordem cronológica.

Algumas fotos eu já possuía pelo hábito de documentar e postar em minhas redes sociais. Solicitei os trabalhos aos alunos para poder ter uma espécie de acervo e ser possível fazer alguma seleção, pois já estávamos no final daquele ano letivo. Assim, a apresentação do portfólio marca o tempo e as condições que eu possuía naquele momento, configurando-se como um repositório de demonstração das atividades realizadas e de observações da trajetória feita, e não de avaliação do desenvolvimento dos alunos ao longo do ano letivo.

No início de cada ano letivo, costumo realizar uma espécie de sondagem diagnóstica para verificar os conteúdos já apreendidos pelos alunos e, daí, preparo o meu planejamento

⁴ Através dessa atividade, os alunos foram levados a refletir sobre o poder da transformação através de suas próprias atitudes e responsabilidades.

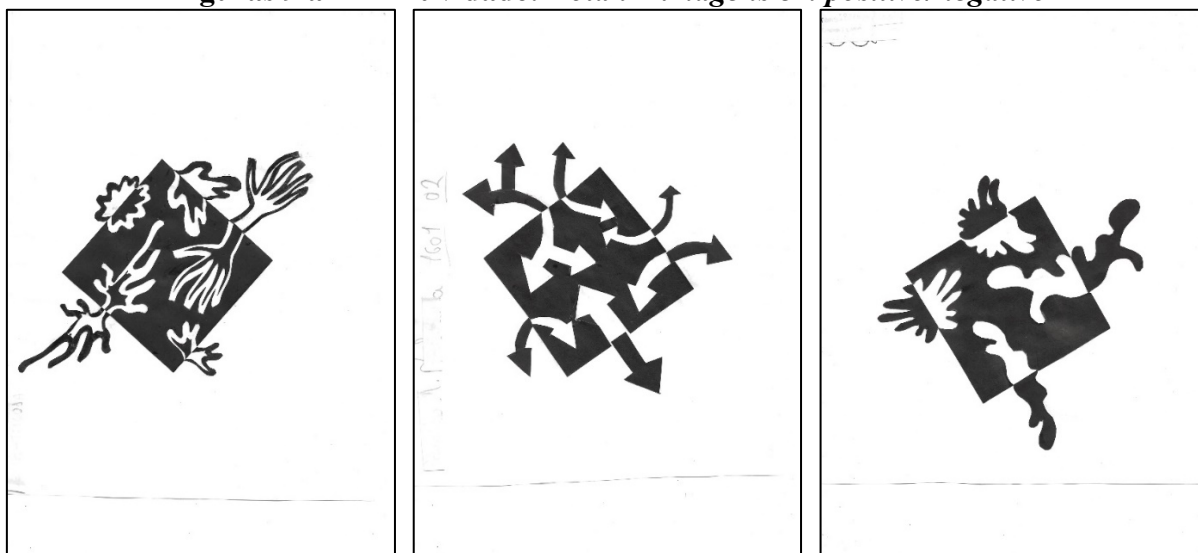
incluindo sempre temas como: elementos da linguagem visual, artistas brasileiros (procurando também algum artista da localidade na qual a escola está inserida) e história da arte. Disponho-me sempre a trabalhar em conjunto com os outros professores regentes das turmas, em projetos e conteúdos curriculares de forma interdisciplinar, além de acompanhar também algum projeto que esteja sendo desenvolvido no âmbito institucional. Assim, embora eu procure ter uma linha geral ou temática para seguir a cada bimestre, possuo um planejamento que pode ser alterado durante o ano, de acordo com as curiosidades e necessidades que os alunos vão apresentando.

Na realização do portfólio em si, busquei fazer uma apresentação com o máximo possível de fotos e exemplares de trabalhos que eu possuía dos alunos. Iniciei com uma breve introdução do que seria mostrado; em seguida, listei dados sobre a estrutura escolar e as treze turmas atendidas naquele ano letivo; depois, apresentei a sala ambiente que tentei criar na escola e uma sequência de exercícios; por último, elaborei as considerações finais e os agradecimentos.

O portfólio foi montado em um fichário grande, e suas folhas colocadas em plásticos a fim de protegê-las durante o manuseio. O material conta com um total de 82 páginas com fotos, atividades originais dos alunos e textos descritivos das atividades realizadas. Especificamente quanto aos trabalhos dos estudantes, organizei as primeiras dez propostas de atividades; em seguida, as fotos dos murais referentes a datas comemorativas; então, mais quatro exercícios, atividades de colagem, de releitura de obras de arte, de experiência fotográfica; por fim, inseri algumas atividades sobre o mês da consciência negra.

A seleção de trabalhos para acervo, a curadoria para uma exposição ou simplesmente para um mural se mostram sempre muito difíceis, mas também desafiadoras e estimulantes! Quando elaboro uma exibição, opto por expor todos os trabalhos dos alunos sempre que há espaço para tal abordagem. Porém, o contratempo neste processo de feitura do portfólio foi o contrário: justamente não ter muitas amostras de trabalhos para escolher, pois, sendo criado ao final do ano, os trabalhos, como dito antes, já tinham sido devolvidos aos alunos.

Figuras 9 a 11 – Atividade: *Notan* – imagens em positivo/negativo



Fonte: Páginas 56 a 58 do Portfólio

Atualmente, pensando criticamente sobre o que o portfólio evidencia, e mais, sobre os conteúdos programáticos, percebo a grande quantidade de atividades voltadas para temas relacionados a datas comemorativas. Vejo isso como um traço histórico-educacional nos planejamentos de parte das escolas públicas de Ensino Fundamental e no meu próprio planejamento. Isso me leva à conclusão de que gostaria de incluir mais temas como culturas

brasileiras e populares, por exemplo. Na rede municipal em que atuo, não há um currículo rígido pré-estabelecido, e sim Orientações Curriculares⁵ que norteiam os anos escolares. Ou seja, o docente de Artes Visuais tem liberdade para planejar, mas muitas vezes percebo que ficamos presos a currículos com propostas ultrapassadas — talvez por acomodação, falta de tempo para realizar formações para atualização e ausência de proposições que levem à reflexões sobre a prática pedagógica. A meu ver, tamanha atrofia na mentalidade da educação brasileira é gerada devido ao enorme desgaste causado pela própria profissão. Afinal, somos profissionais que, exaustivamente, precisam se reinventar a cada dia!

Ver o portfólio concluído me fez sentir grande satisfação pessoal — relembrar e reavaliar todo o trabalho feito e ter a sensação de missão cumprida. Senti a valorização do meu trabalho e da disciplina Artes Visuais por parte da escola, além de ter partilhado experiências com outras pessoas e profissionais da área. Esta é justamente uma das potencialidades do portfólio: servir como mecanismo potente para pensar a prática pedagógica de forma individual ou em grupo, naquele momento ou no futuro. Olhar para o portfólio é olhar também para minha prática, incluindo seus erros e acertos. Tal olhar pode, enfim, proporcionar replanejamentos e reinvenções.

4.2 – Ressonâncias...

De acordo com as educadoras Brigitte Silva e Clara Craveiro, um resumo do processo de construção do portfólio inclui as seguintes etapas: “1. Estabelecimento de uma estrutura e objetivos; 2. Recolha de registros; 3. Reflexão sobre o trabalho/situação; 4. Análise dos registros; 5. Definição de propostas de intervenção; 6. Realização de conferências/reuniões de análise; 7. Elaboração de relatório narrativo e do plano de ação.” (SILVA E CRAVEIRO, 2014, p.50).

Figura 12 e 13 – Atividade: Colagem com o tema máscaras africanas



Fonte: Páginas 79 e 81 do Portfólio

⁵ As Orientações Curriculares seguidas no ano de 2018 podem ser encontradas em <http://nosdaescola-recursos.blogspot.com/2018/09/orientacoes-curriculares-revisadas.html>.

Neste sentido, ressalto que a impossibilidade de seguir tal estratégia, como no caso do portfólio que descrevo aqui, não causou a frustração do projeto. Assim, reafirmo que, ao pesquisar e encontrar outros modos de fazer documentação pedagógica, ampliou-se para mim a maneira como vejo esta ferramenta hoje. Isto me auxilia a olhar para o que produzi atenta e afetuosamente. O documento é um retrato de um tempo específico, mas pensar sobre ele oferece um campo multidimensional.

Ao participar de um organismo escolar com suas demandas e seus tensionamentos institucionais, percebo a cada vez mais e com maior clareza que preciso estar alerta às questões pertinentes e caras não só ao universo das artes visuais, mas ao mundo contemporâneo. Numa análise crítica do percurso e de como as atividades foram desencadeadas ao longo do ano, enxergo que não houve um planejamento concreto previamente construído. As atividades e conteúdos foram sendo apresentados e desenvolvidos a partir do que as turmas iam trazendo e dos interesses apresentados, ou seja, o delineamento foi elaborado baseado nas necessidades dos próprios estudantes como sujeitos coautores deste currículo vivo.

Embora eu considere que o planejamento não deva, de modo algum, ser algo totalmente imutável e estanque, hoje, acredito que a primeira coisa que talvez devesse aparecer no portfólio seria um planejamento inicial. Compreendo agora que este é um dos pontos sobre os quais gostaria de me debruçar mais em outros momentos.

Figuras 14 a 17 – Atividade: *Turbantes e grafismos étnicos*



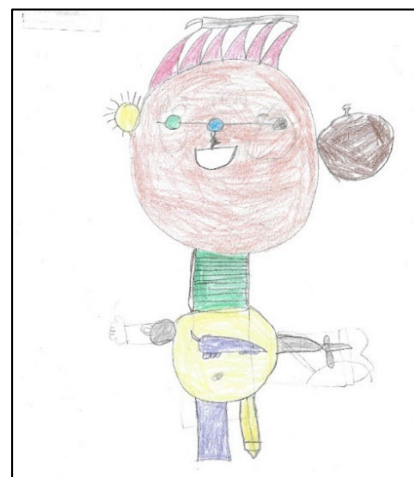
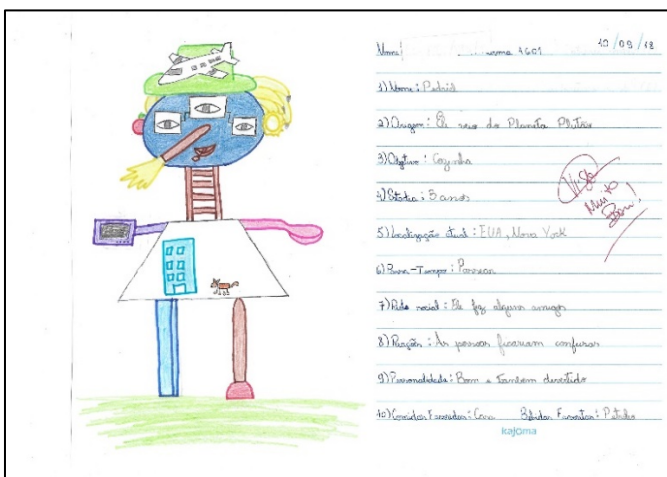
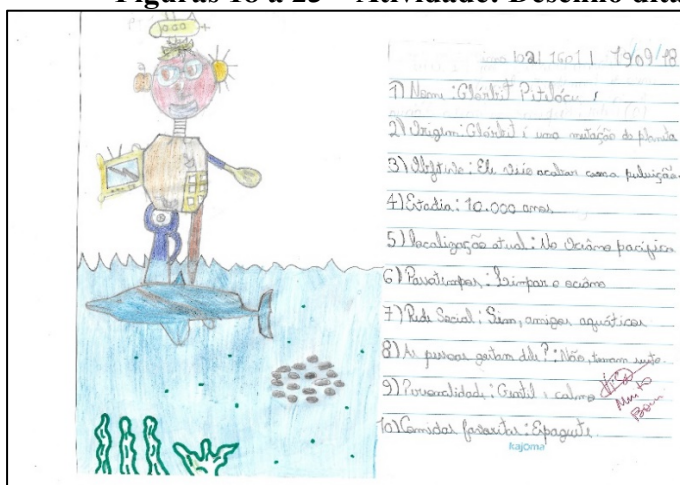
Fonte: Páginas 73 a 76 do Portfólio⁶

⁶ Texto da página 72 do Portfólio explicando a atividade *Turbantes e grafismos étnicos*: “Fizemos um breve passeio pela história do turbante, passando pelos sheiks árabes até a marcante Carmem Miranda — enfatizando a beleza desta peça de indumentária, trazida até nós pelas mãos e cabeças das africanas que aqui chegaram. Discutimos a questão da apropriação cultural pela moda e realizamos a atividade prática de criar o desenho de um turbante a partir de grafismos étnicos que também foram estudados em sala”.

Ao observar em retrospectiva e com os olhos do agora, percebo também a necessidade de uma elaboração mais sensível ligada a temas como: abordagens étnico-raciais, a fim de corroborar uma educação antirracista; questões de gênero e respeito à diversidade; estudos de cultura visual e de relações de poder estabelecidas a partir das imagens etc.

Tais abordagens são capazes de sustentar um currículo verdadeiramente multicultural e contribuir para a formação de alunos mais críticos e capazes de desenvolver suas percepções, imaginações e criatividade.

Figuras 18 a 23 – Atividade: Desenho ditado – *Monstros da imaginação*



5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O relato de experiência aqui apresentado procurou mostrar a importância do registro das ações pedagógicas tomando como base a ideia de portfólio. Tal documento pode conter trabalhos dos alunos, fotos, relatos, impressões pessoais, entre outras etapas e possibilidades.

A pesquisa bibliográfica e documental realizada para elaboração deste texto serviu para ampliar o repertório de conceitos e pensamentos, além de embasar a reflexão sobre o processo de criação do portfólio, objeto deste estudo. Hoje, percebo que, ao produzir o portfólio, não estava apenas cumprindo uma funcionalidade burocrática, mas fazendo um relatório das atividades pedagógicas realizadas ao longo do ano letivo referido — importante recurso de memória e de assimilação das diversas temporalidades no ambiente escolar. A presente investigação elucidou os mecanismos e estratégias para a confecção de portfólios e possibilitou rever e analisar o meu próprio percurso enquanto docente de Artes Visuais, lançando luz sobre a constante criação e imaginação necessárias para minha atuação.

Todo este processo de reflexão após a realização do portfólio em si me fez perceber a importância do registro reflexivo no sentido de colaborar para a análise do processo de ensino-aprendizagem dos alunos, do planejamento e do replanejamento de minhas ações; dos momentos de avaliação, além da própria necessidade de ponderação sobre a minha prática pedagógica. Tudo isto ampliou meu olhar de forma mais crítica e consciente, levando-me a interpretar a rotina sob outras perspectivas. Por fim, fez com que eu passasse a valorizar os estudos teóricos como importante fundamento para meu cotidiano na educação, reforçando contornos para meu empoderamento enquanto professora e pesquisadora que, ao mesmo tempo, revisita e atualiza seu estar no mundo.

Figura 24 – Atividade: *Experiência fotográfica*



Fonte: Página 67 do Portfólio⁷

⁷ Atividade de experiência fotográfica através da câmera do celular, explorando a perspectiva surreal e o ambiente externo da escola.

REFERÊNCIAS

ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2011.

ARSLAN, Luciana Mourão. IAVELBERG, Rosa. **Ensino de arte**. São Paulo: Cengage Learning, 2013.

BENJAMIN, Walter. **Rua de mão única – obras escolhidas**. São Paulo: Brasiliense: 1995.

BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.

EDWARDS, Carolyn. **As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emilia na educação da primeira infância**. Porto Alegre: Penso, 2016.

FERRAZ, Maria Heloisa Corrêa de Toledo; e FUSARI, Maria Felismina de Resende. **Arte na educação escolar**. São Paulo: Cortez, 2010.

IAVELBERG, Rosa. **Para gostar de aprender arte: sala de aula e formação de professores**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

MARQUES, Amanda Cristina Teagno Lopes; e ALMEIDA, Maria Isabel. A documentação pedagógica na Educação Infantil: traçando caminhos, construindo possibilidades. **Revista de Educação Pública**, Cuiabá, 2011. Vol. 20, n. 44, p. 413-428, 2012. Disponível em: <https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/315>. Acesso em: 7 set. 2021.

_____. Registro de práticas e formação de professores: reflexão, memória e autoria. **Revista Educação: Teoria e Prática** – Rio Claro, SP/ 2011. Vol. 21, n 37. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/277794649_Registro_de_Praticas_e_Formacao_de_Professores. Acesso em: 7 set. 2021.

SILVA, Brigitte; e CRAVEIRO, Clara. O Portfólio como estratégia de avaliação das aprendizagens na educação de infância: considerações sobre a sua prática. **Revista Zero-a-seis** Florianópolis, 2014. Vol 1, n 19, p 033-053. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/zerosais/article/view/1980-4512.2014n29p33/26129> Acesso em: 22 nov. 2021.

SILVA, Tharciana Goulart da. LAMPERT, Jociele. Reflexões sobre a Abordagem Triangular no Ensino Básico de Artes Visuais no contexto brasileiro. **Revista Matéria-Prima**. Vol. 5(1): 88-95. Disponível em <
https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/28262/2/ULFBA_MatPrima_V5N1_p.88-95.pdf>
Acesso em: 12 set. 2021.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Pg 01 do Portfólio – Capa interna do portfólio.....	Pg 5
Figura 02 – Pg 07 do Portfólio – Foto da sala ambiente.	Pg 6
Figura 03 - Pg 09 do Portfólio – Exercício de Caligrafia artística.	Pg 9
Figura 04 - Pg 11 do Portfólio – Atividade: Exercício de motricidade.....	Pg 10
Figura 05 - Pg 12 do Portfólio – Atividade: Exercício de motricidade.....	Pg 10
Figura 06 – Pg 21 do Portfólio – Atividade: Formas geom. que se transformam.....	Pg 12
Figura 07 – Pg 22 do Portfólio – Atividade: Formas geom. que se transformam.....	Pg 12
Figura 08 – Pg 39 do Portfólio – Atividade: Criatividade em ação	Pg 13
Figura 09 – Pg 56 do Portfólio – Atividade: Notan – imagens em positivo/negativo.....	Pg 14
Figura 10 – Pg 57 do Portfólio – Atividade: Notan – imagens em positivo/negativo.....	Pg 14
Figura 11 – Pg 58 do Portfólio – Atividade: Notan – imagens em positivo/negativo.....	Pg 14
Figura 12 – Pg 79 do Portfólio – Atividade: Colagem com tema máscaras africanas	Pg 15
Figura 13 – Pg 81 do Portfólio – Atividade: Colagem com tema máscaras africanas	Pg 15
Figura 14 – Pg 73 do Portfólio – Atividade: Turbantes e grafismos étnicos	Pg 16
Figura 15 – Pg 74 do Portfólio – Atividade: Turbantes e grafismos étnicos	Pg 16
Figura 16 – Pg 75 do Portfólio – Atividade: Turbantes e grafismos étnicos	Pg 16
Figura 17 – Pg 76 do Portfólio – Atividade: Turbantes e grafismos étnicos	Pg 16
Figura 18 – Pg 44 do Portfólio – Atividade: Desenho ditado – Monstros da imaginação..	Pg 17
Figura 19 – Pg 45 do Portfólio – Atividade: Desenho ditado – Monstros da imaginação..	Pg 17
Figura 20 – Pg 46 do Portfólio – Atividade: Desenho ditado – Monstros da imaginação..	Pg 17
Figura 21 – Pg 47 do Portfólio – Atividade: Desenho ditado – Monstros da imaginação..	Pg 17
Figura 22 – Pg 48 do Portfólio – Atividade: Desenho ditado – Monstros da imaginação..	Pg 17
Figura 23– Pg 49 do Portfólio – Atividade: Desenho ditado – Monstros da imaginação..	Pg 17
Figura 24 – Pg 67 do Portfólio – Atividade Experiência fotográfica.....	Pg 18

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todo corpo docente do Curso de Especialização e, em especial a minha orientadora, Maria Lia Gauterio, com quem pude aprender, compartilhar, tirar dúvidas e certamente crescer profissionalmente.

Agradeço também aos meus colegas de curso, que se tornaram amigos ao longo dessa jornada de conhecimento. Principalmente Bárbara, Vanessa e Ingrid (em memória e com muita tristeza pela perda tão prematura e inesperada).

Por fim, agradeço à essa estimada instituição de ensino, o amado Colégio Pedro II, que me proporcionou retornar aos bancos escolares e renovar meus conhecimentos, aprimorar minhas competências e me tornar uma profissional melhor!